



SÁBADO, 30 DE MAIO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 1994

## Uma especulação torpe

Porque publicámos um pequeno *suelto* em que se dava conta dos processos d'um cavalheiro que, trazendo dos seus interesses, se não preocupa em lesar os interesses dos outros, e lhe fizemos um comentário um pouco mais vivo, logo o *Seculo* e o *Correio da Manhã*, numa comovente uniformidade de processos, que bem mostram o espírito reacionário que os anima a ambos, vieram afirmar, nem mais nem menos, de que nós estamos fazendo o incitamento ao crime. Tudo isto porque o homem se chama César e nós lhe lembrámos o Bruto, sem nos lembrarmos nós de outros brutos que nos podiam ler e dos que, sem serem brutos, fingensem sé-lo, para nos atribuir propósitos que nunca livremos.

Sabem muito bem os leitores de *A Batalha* que nunca aqui se fez a apologia do atentado e que vários artigos neste jornal e no seu suplemento têm sido publicados condenando esse processo de luta, arvorando em único sistema de combate de criaturas pelos actos dos quais, não podem alias ser responsável a organização operária, nem os militantes de ideias sociais avançadas. Sabem-no também perfeitamente, esses dois jornais, que tão indecorosamente se permitem chamar a atenção da polícia para a nossa prosa. Conveim-lhes simular que não levam e atribuir-nos intenções sústinas, a ver se conseguem chamar sobre nós o rigor da censura para tudo o que escrevemos, a-pesar-de esses mesmos jornais tanto barafudarem contra a situação excepcional criada à imprensa.

Vê-se por essa amostra, que o seu gosto seria que fôssemos nós as vítimas da pressão da autoridade e, nessas condições, todas as medidas a respeito da imprensa passavam a ser boas e aceitáveis.

Ficamos entendidos, e sabendo que, enquanto o *Seculo* foi impedido de circular, e nós aqui protestávamos contra o facto, a-pesar-de nos repugnar tóda a sua acção jornalística—o pensamento do seu director era, naturalmente, o de que se fôsse a *Batalha* que estivesse suspensa e o *Seculo* com tóda a liberdade de preparar a atmosfera para uma nova revolução, com bombas, atentados e todas as violências imaginárias, as restrições à liberdade de imprensa eram magníficas.

Quando se não têm princípios, e se defendem apenas interesses materiais, tudo se reduz a saber se tal ou tal ideia, tal ou tal acto pode representar um prejuízo material aos que assim vivem. Se a ideia ou o acto os prejudica, é mau; se prejudica os outros, é magnífico.

Não, a *Batalha* não faz incitamento ao crime. E, a menos que o César a, que nos referimos tenha tanta consciência de tudo quanto de mau tem praticado e suponha que a simples referência a esse facto pode de armar contra ele uma indignação homicida, e por medo do nosso *suelto*, encomendassem ou pagasse mesmo a prosa a tanto a linha, não percebemos a estúpida intervenção dos dois jornais, fazendo um incitamento... ao crime de lesa-liberdade da imprensa que qualquer autoridade viesse a praticar.

## Trituração e moagem de açúcar

Uma portaria do ministro do Trabalho

A Associação de Classe dos Refinadores de Açúcar do Pórtico, por intermédio dum comissão, vem reclamando desde há tempos contra a existência e uso dos moinhos nas refinarias de açúcar. Tão bem se houve na sua missão que conseguiu que pelo ministro do Trabalho fosse publicado no *Diário do Governo* a seguinte portaria referente ao assunto:

Continuando as demónias de que, contrariamente ao disposto no decreto 10.078 de 4 de Setembro de 1924, se está procedendo à Trituração e moagem de açúcares insuficientemente depurados, e verificando-se, pela análise das amostras colhidas, que assim é:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo ministro do Trabalho, que a bem da saúde pública, se dê cumprimento ao disposto no art. 1º do já referido decreto, devendo para esse efeito, as delegações ou sub-delegações de saúde exercer rigorosa fiscalização aos respectivos establecimentos e activar o serviço de colecta de amostras dos seus produtos a fim de se verificar se foram devidamente refinados e, caso contrário, proceder rigorosamente contra os infractores, promovendo a aplicação das penalidades estabelecidas no diploma mencionado.

## A Justiça pervertida

pelo ambiente de desmoralização daqueles que escapam ás suas malhas

A justiça em Portugal, como os gêneros de primeira necessidade, encontrava-se aviadíssima, açambarcada, roída de bolor. Os processos eternizam-se nos tribunais, organizam-se pessimamente. Passam anos, inutilizam-se provas que deveriam ser decisivas, porque morrem as testemunhas principais e ignoram-se o paradeiro da maioria delas.

Que confiança se pode ter numa justiça que caminha neste desleixo e nesta moralidade?

Estas graves revelações, de resto já conhecidas de toda a gente, estão desta vez valorizadas pela autoridade insuspeitíssima de quem as produziu. Estas acusações à forma como funcionam as justiças em Portugal são dirigidas por um advogado de prestígio no foro português, o sr. Cunha e Costa.

Apoiando-se no artigo do sr. Cunha e Costa, o articulista da *Época* escreve: «Há uns tempos para cá a mentalidade do juri mudou.

«Os acusados de furto, ou de roubo, quando não são absolvidos, (o que frequentemente acontece) são tratados com grande benevolência, raro se lhes aplicando penas que não sejam correccionalas, e isto a-pesar-da maioria dos jurados ser constituída por proprietários, industriais e comerciantes.

Está aqui o eixo da questão.

E aqui que lhes doi, e, cegos pela dor, deixam escapar confissões como esta:

«O juri sofre a influência do ambiente; julga mais com a ambiciosa do que com a consciência. Ora no meio ambiente existe a opinião, de resto bastante fundamentada, de que os grandes ladrões não chegam a ser relegados aos tribunais, e de que não é justo condenar um indivíduo que furtou algumas dezenas de escudos, quando andam a sólta, os autores, cúmplices e encobridores de milhares deles.

«Como é que o juri há de condenar os pequenos gatunos ou ratoneiros, quando em serviços públicos e em altos lugares do Estado se encontram indivíduos que são considerados como ladrões confessos do patrimônio nacional?»

O caso reveste um aspecto de extrema gravidade, commenta o articulista da *Época*. «Vai-se desta maneira enfraquecendo a acção da justiça.»

Qual o remédio?

Ora aqui é que falha, aqui é que se traduz derrocado o *lançamento* dos expositores de tão grave problema.

O sr. Cunha e Costa aponta com uma audácia que não desmente a sua conhecida vivacidade, as causas sensacionais da decadência da justiça, da sua falsificação, mas não indica o meio de obviar a esses inconvenientes. O articulista da *Época*, reservava-se para o fazer, mas vai já mostrando as suas naturais hesitações, e o modo errado para onde quer conduzir uma hipótese de solução.

Tocaram o dedo na engrenagem. Reconheço a potencialidade dos seus dentes, e depois vêm-se muito, atrapalhados porque colocando imprudentemente um problema em quefingem não saber qual a maneira de encontrar a sua solução. A lógica mais elementar, nos demonstra, que a solução dum problema está contida na sua própria exposição.

Quem produz a ambigüidade que prevete a justiça? Os grandes roubos, os grandes escândalos! A afirmação não nos pertence. Ela é a opinião audaciosamente atraiada por um conceituado jurisconsulto. Como depurar a justiça? Naturalmente depurando o ambiente. Quem tem aí força para isso? Onde ir buscar essa força, para se opor a essa, outra força que consegue inutilizar a acção dos próprios magistrados? Ah! Os senhores, não sabem onde se foram meter. Criaram um bicho sem saída.

Com quem contam os senhores para depurar o ambiente, esse ambiente que enfraquece a justiça, se os altos valores da sociedade, se nos serviços públicos e nos altos lugares do Estado, como os senhores confessam, se encontram os primeiros indivíduos que prevaricam, que desafiam a justiça, rindo-se dela, praticando de podre, porque é uma instituição nula, uma instituição que não resiste ao ambiente de que são únicos culpados os tais altos dignitários do Estado, legítimos representantes dessa sociedade em decomposição.

Na cidade do Porto reuniu a comissão organizadora do Congresso dos Alunos das Escolas Industriais, Comerciais, Preparatórias das Artes e Ofícios e Arte Aplicada do país sob a presidência de José Manuel Lopes da Costa, de Lisboa. Foram apresentados os vários trabalhos para o congresso e resolvido que as sessões se realizem nos dias 27, 28 e 29 de Junho naquela cidade. A comissão aquada autorização do ministro do Comércio para que as sessões do congresso se realizem na Escola Industrial Infantil D. Henrique, assim como espera que as empresas dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Estado concedam descontos aos estudantes congressistas nas suas linhas.

## O congresso dos alunos das escolas técnicas realiza-se em Junho no Porto

Na cidade do Porto reuniu a comissão organizadora do Congresso dos Alunos das Escolas Industriais, Comerciais, Preparatórias das Artes e Ofícios e Arte Aplicada do país sob a presidência de José Manuel Lopes da Costa, de Lisboa. Foram apresentados os vários trabalhos para o congresso e resolvido que as sessões se realizem nos dias 27, 28 e 29 de Junho naquela cidade. A comissão aquada autorização do ministro do Comércio para que as sessões do congresso se realizem na Escola Industrial Infantil D. Henrique, assim como espera que as empresas dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Estado concedam descontos aos estudantes congressistas nas suas linhas.

## CARTA DO PORTO

### Um católico que trai as puras doutrinas do cristianismo

Reflexões sobre a conferência do dr. Lino Neto

Effectuou-se mais uma conferência no Ateneu Comercial. Ontem, foi o transfigura Cunha e Costa que fez a franca apologia dum mussoliniano. Agora, é o sr. Lino Neto, chefe do partido católico, que proclama a necessidade urgente do regresso à ordem e combate a propriedade comunal, colectiva.

O regresso à ordem é a infiltração das coisas do passado nas ações jesuíticas do presente. O sr. Lino Neto deseja, ardente, as glórias das cruzadas, os triunfos sambenitas das foguetas do Santo Ofício, as absolutistas instituições da realze feudal.

Que confiança se pode ter numa justiça que caminha neste desleixo e nesta moralidade?

As graves revelações, de resto já conhecidas de toda a gente, estão desta vez valorizadas pela autoridade insuspeitíssima de quem as produziu. Estas acusações à forma como funcionam as justiças em Portugal são dirigidas por um advogado de prestígio no foro português, o sr. Cunha e Costa.

As suas palavras têm a retumbância dum justicado alarma, e logo a «Época», impressionada por tais graves acusações, vem acrescentar as considerações do conhecido jurisconsulto os seus comentários.

Apoiando-se no artigo do sr. Cunha e Costa, o articulista da *Época* escreve: «Há uns tempos para cá a mentalidade do juri mudou.

«Os acusados de furto, ou de roubo, quando não são absolvidos, (o que frequentemente acontece) são tratados com grande benevolência, raro se lhes aplicando penas que não sejam correccionalas, e isto a-pesar-da maioria dos jurados ser constituída por proprietários, industriais e comerciantes.

Está aqui o eixo da questão.

E aqui que lhes doi, e, cegos pela dor, deixam escapar confissões como esta:

«O juri sofre a influência do ambiente; julga mais com a ambiciosa do que com a consciência. Ora no meio ambiente existe a opinião, de resto bastante fundamentada, de que os grandes ladrões não chegam a ser relegados aos tribunais, e de que não é justo condenar um indivíduo que furtou algumas dezenas de escudos, quando andam a sólta, os autores, cúmplices e encobridores de milhares deles.

O terceiro, por asseverar «que a terra é comum a todos os homens», baldamente, pois se creem inocentes «os que se apropriam exclusivamente os bens que Deus fez comuns», pois que não repartindo com os outros aquilo que receberam, «tornam-se inimigos, embora sejam os últimos viamente explorados pelos primeiros, termino por defender o «socialismo» católico de Leão XIII: todos devem obedecer ao *Rerum Novarum* da Igreja, propriedade colectiva da seita negra — aceitando como de origem divina a propriedade individual dos que, não tendo ontem um vintém, hoje possuem aos 10.000 contos, a maior parte de estrangeiro, por causa das responsabilidades dos turos legais... Amém..

Pártio, 27-5-925.

C. V. S.

## Notas & Comentários

### As boas amigas...

A polícia tem encontrado nesses últimos dias algumas bombas que talvez armadas de más intenções se fôssem colocar elas próprias à vista das autoridades, para que estas concluam como é seu hábito velho: «Os bolchevistas têm a cidade minada de dinamite; façam prisões para livrar a sociedade de tão temerosos revolucionários». Essas bombas parecem terem deliberadamente colocado-se ostensivamente ao serviço da polícia que, quando não tem pretensões inventar-se para exercer perseguições... Essas bombas malditas, desempenham-se bem da sua odiosa missão, que até recentemente, como ontem aconteceu, ferindo crianças de seis meses. E a polícia, erguendo as mãos de contentamento, volta a concluir: «Bombas amigas, bombas divinas, explodiu, explodiu para que a opinião pública apoie os actos de barbaridade e de violência que desejamos praticar!».

O quinto, por garantir «que, se um só quizer fazer-se senhor de todo o patrimônio, possa-lo inteiro, excluir os seus irmãos da quinta ou da sexta parte, esse tal não é um irmão, mas um tirano desumano, um bárbaro cruel, ou antes: uma besta fera cuja gula está sempre aberta para devorar, ela só, todo o alimento dos outros.»

O sexto, por ter afiançado que a «vida comum é obrigatória para todos os homens». A inquiétude foi quem fez dizer a um: isto é meu; a outro: aquilo pertence-me. Daí provém a discordia entre os homens.

O sr. Lino Neto não defendeu, na sua dourada conferência, o regresso à ordem comunista daqueles santos, daqueles primeiros propagandistas da igreja católica que se revoltaram contra o direito romano — «o mais sólido monumento de legislação civil tão admirado pelo catolicismo virado do sr. Neto. Aproveitou-se da patrocínio de São Paulo: «não sou eu que vivo; é Jesus que vive em mim», que nada define, para ontem este conceito doutrinário de Santo Ambrósio: «Deus criou tódas as coisas, a fim de que a terra viesse a ser a posse comum de todos. A natureza gerou, pois, o direito de comunidade e foi a usurpação que produziu o direito de propriedade.»

O sr. Lino, horrorizado pelo extremismo dos santos da sua própria religião deturpada, horrorizado pela ideia do seu próprio Deus ser comunista, socialista, revoltado... contra a revolta católica do passado que desmascarou os exploradores, apregoando o regresso à ordem da Idade Média.

«Bombeiros parecem terem deliberadamente colocado-se ostensivamente ao serviço da polícia que, quando não tem pretensões inventar-se para exercer perseguições... Essas bombas malditas, desempenham-se bem da sua odiosa missão, que até recentemente, como ontem aconteceu, ferindo crianças de seis meses. E a polícia, erguendo as mãos de contentamento, volta a concluir: «Bombas amigas, bombas divinas, explodiu, explodiu para que a opinião pública apoie os actos de barbaridade e de violência que desejamos praticar!».

Para a História

Na História da república portuguesa que um dia farão homens impares um facto simbólico não deve esquecer: o do banquete do Avenida Palace. A hora em que João Chagas, o maior polemista da propaganda republicana, o melhor jornalista da república, expirava, no seu quarto, na sala de jantar do mesmo hotel realizava-se um grande e alegre banquete de homenagem a Sá Cardoso. Estavam presentes, homenageando, as figuras mais representativas do regime. Enquanto as rolhas de champagne estoicavam, João Chagas, ali adorado, agoniava. Quando a mesa chegou a notícia do próximo fim do ex-ministro de Portugal em França, Bernardino Machado encantava os convidados com as suas finas ironias... Grande ironia era aquele banquete em homenagem a uma nulidade e-regresso talvez pela morte dum homem afregosamente maior do que todos eles reunidos...».

A guerra de Marrocos

### A França não fará a guerra de conquista

PARIS, 29.—A moção de confiança ao governo, que, depois de várias conferências com os «leaders» do «cartel», os socialistas se comprometeram a aprovar, diz nitidamente que a França jamais enveredará em Marrocos pela guerra de conquista.

Os outros grupos do «cartel» parecem, em princípio, esta moção, parecendo assim depender-se que a unidade de pontos de vista voltou aos grupos que constituem a maioria da Câmara.—L.

MADRID, 29.—Continuam as negociações para o acordo entre a França e a Espanha no sentido de cada uma delas manter as suas posições em Marrocos.—L.

Revezes das fôrças mouras

RABAT, 29.—A situação manteve-se calma a oeste. No centro as tribus ficas repetiram uma tentativa de infiltração da parte do inimigo.—L.

RABAT, 29.—Num dos últimos combates as tropas francesas inflingiram grandes perdas aos rifens, que tiveram 17 cheques mortos.—L.

## A morte de João Chagas

Uma angina pectoris matou ontem, inesperadamente, num quarto do hotel Avenida Palace, João Chagas. Desaparece com ele uma das figuras de maior elegância intelectual e um dos mais vigorosos demolidores da monarquia.

João Chagas, que era aparentado com Manuel Pinheiro Chagas, uma das pessoas influentes da monarquia, voltou-se, depois de ter um nome feito e uma situação brillante no

# As perseguições contra o operariado

A apreensão de A BATALHA — Embarcaram ontem a bordo do "Carvalho Araújo" vários presos sem julgamento — A cassa operária protesta contra as medidas governamentais

Federação dos Trabalhadores Rurais

A Batalha foi ontem arbitrariamente apreendida, por ter feito referências aos últimos actos governamentais. Os nossos comentários, como é natural, não agradaram à censura. Come a imprensa, coacta, não tem valor social, A Batalha limita-se ao noticiário, regosijando-se com a maneira imediata como vários sindicatos operários já reuniram e protestaram contra as deportações.

Segundo noticiaram os jornais de ontem, foram enviados para bordo do Carvalho de Araújo que os conduzirá à Guiné os seguintes presos:

José Gomes Pereira, Raúl Honório, Alfredo Pereira Vaz, Aníbal dos Santos, João Fernandes Pinto, Luís dos Santos Ferreira, Alexandre José dos Santos, Mário Gonçalves, Carlos Ferreira, Artur Pinho Alonso, Albertino Abrantes Castanheira, Joaquim Manoel Cardoso, Manuel Duarte Pereira, Luís Cardoso, Alvaro Castela, João Ferreira, Fausto da Silva Ferreira, Bernardino dos Santos, Carlos Saldanha, António Joaquim Pereira, Rodolfo Marques da Costa, Pedro Garcia da Oliveira e José Rodrigues de Almeida.

Da Arcada informam-nos que o cruzador "Carvalho Araújo", que conduz os presos, vai efectivamente buscar os que estão em Angra do Heroísmo, partindo em seguida com todos eles para a província da Guiné, onde serão desembarcados e entregues às autoridades competentes.

Secretariado Nacional de Assis-

tência Jurídica Solidariedade

NOTA OFICIAL

Este Secretariado reuniu ontem apre-  
ciou o trabalho ultimamente efectuado sobre a situação de presos, que apesar de todo este trabalho uma nova deportação se constata e vendo que ficou sem efeito fôradas as demarches, nesse sentido efectuadas junto das respectivas autoridades, resolviu paralisar com as mesmas em face da falta de consideração para com este organismo, enviando para fora de Lisboa operários sem culpa formada o que é absolutamente contrário à própria Constituição da República e que simplesmente significa uma transigência para com os elementos que estiveram no Parque Eduardo VII, no passado dia 18 de Abril.

A dor dum pai

Este ontem nesta redacção o operário João Honório, pai de Raúl Honório, um dos deportados da madrugada de ontem. O desolado pai veiu manifestar-nos a sua mágoa pelo desaparecimento do filho, que considera sequestrado pela polícia.

A dor que alaneza este velho pai consternou os que nesta casa trabalham, e que nos rápidos minutos da sua permanência auscultaram o sofrimento de muitos pais, irmãos e esposas pela condenável medida dum governo que se rotula de democrático. E ainda haverá um coração bem formado que possa aplaudir a causa de tanta lágrimas?

Secção do Beato e Olivais

Em reunião da comissão administrativa da secção da construção civil do Beato e Olivais foi deliberado protestar contra a deportação de operários sem julgamento e contra as prisões arbitrárias, estando na disposição de dar o seu apoio a qualquer movimento de protesto.

S. U. C. C.

A secção profissional dos serventes de pedreiro protesta contra as revoltantes violências praticadas pelo governo contra a classe operária. O seu protesto engloba as prisões, perseguições e deportações iniquas e arbitrárias.

A mesma secção apela para a C. G. T. aguardando as suas decisões.

Associação de Classe dos Soldadores de Setúbal

A classe dos soldadores de Setúbal, reunida em assembleia geral, resolveu protestar contra as deportações de operários sem culpa formada, e estar a postos para qualquer movimento nacional a encetar pela C. G. T., em prol dos operários perseguidos por esta libéríssima república, e prestar aos mesmos todo o apoio moral!

N. J. S. Barreiro

O Núcleo de Juventude Sindicalista do Barreiro, reunido em assembleia geral, protestou contra as perseguições movidas a operários.

socios, declarando-se sempre o motivo da convocação.

Art. 7.º—A União dos Defensores da Criança, nos casos omissos no presente estatuto, regular-se há pelas leis associativas em vigor.

A entrada na Sociedade de Geografia, fará mediante a apresentação de um cartão que será fornecido aos que ainda o não possuem, à porta daquela colectividade.

A Comissão Central da Semana da Criança, num manifesto que vem distribuindo com os objectivos desta associação, apela para a população no sentido de se inscrever neste nobre agrémio de defesa da criança.

Quem o desejar, pode fazê-lo durante o dia de hoje, na Câmara Municipal, ou à entrada da Sociedade de Geografia. A Comissão pede aos possuidores de boletins de inscrição que se digam entregá-los, preenchidos até hoje à noite, nos locais indicados.

Nestes mesmos lugares, a Comissão fornece bilhetes de ingresso na assembleia às pessoas que não possuem, e durante o dia de hoje se inscrevam sócios da União dos Defensores da Criança.

No Salão do Conservatório Nacional de Música realiza-se na próxima quinta-feira às 21 horas, uma audição dos discípulos do professor sr. José Viana da Mota

do conservatório.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas, no Teatro Novo (Palácio Tivoli),

realiza-se a inauguração da exposição de

artefactos de escultura, pintura e desenho.

Na proxima sexta-feira, dia 24, às 21 horas

## MARCO POSTAL

Fall River.—F. F. Marques: Recebeu cheque de \$5, ficou pago até 15 de junho próximo.

Figueira da Foz.—A. R. Carvalho: Recebemos postal. Aguardamos resposta do agente.

Sabóio.—G. M. A.: A assinatura ficou paga até 30 de junho.

Mina de S. Domingos.—V. A. J.: Recebemos 30\$00. Alvenaria e Cantaria custa 30\$00 fora o correio.

Vila Real de S. António.—A. C. R.: Não temos Mistérios do Povo encadernado.

## Agenda de A BATALHA

## CALENDARIO DE MAIO

S.	4	11	18	25	HOJE O SOL
T.	12	19	26	Aparece às 5,15	
Q.	13	20	27	Desaparece às 19,53	
Q.	7	14	21	28	FASES DA LUA
S.	1	15	22	29	Q. C. dia 1 ás 8,12
S.	2	16	23	30	L. C. 9 ás 3,33
D.	3	17	24	31	Q. M. 25 ás 25,40
					L. N. 28 ás 2,28

## MARES DE HOJE

Praiamar às 7,02 e às 7,29

Baixamar às 0,09 e às 0,32

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Los Gres.	12,80	12,90
London	12,80	12,90
Paris	12,04	12,04
Suica	12,94	12,94
Bélgica	12,60	12,60
Italia	12,81	12,81
Holanda	12,82	12,82
New-York	12,83	12,83
Brasil	12,88	12,88
Noruega	12,93	12,93
Suecia	12,49	12,49
Dinamarca	12,72	12,72
Espanha	12,80	12,80
Euros Aires	12,90	12,90
Viena (1 shilling)	12,90	12,90
Rentimarks ouro	12,70	12,70
Agio do ouro %	22,80	22,85
Líbra ouro	104,80	106,00

## ESPECTÁCULOS

## TEATROS

5º Teatro—A's 21,30—O Ladrão.

Teatro São João—A's 21,30—Mercado de Donzelas.

Teatro São João—A's 21—Era uma vez uma menina.

Teatro São João—A's 21,30—Mademoiselle Bla.

Joaquim de Almeida—A's 21—A Severa.

Maria Vitoria—A's 20,20 e 22,30—Retapalas.

Celso (2º Teatro)—A's 21—Rancho infantil de Celso.

Juventude—A's 21,30—irmãos e A Cidadela.

Círculo São João—A's 20,30—Variedades.

Teatro Vicente (à Graça)—A's 20—Animatigrado.

Loreto Parque—Todas as noites—Concertos e diversões.

## CINEMAS

Olimpia—Chiado Terrace—Salão Central—Cinema Condé—Salão Ideal—Salão Iboas—Sociedade Progressista—Educação Popular—Cine Paris—Cine Esperança—Chanteclet—Tivoli—Torreiro.

## LIMAS NACIONAIS

UNIÃO	MANCAS REGISTADAS	UNIÃO
Metálica	1000	1000
Chaves do Conde Barão	1000	1000
Imprensa Inglês	1000	1000
Capas Alentejanas	1000	1000
Calças	1000	1000
Abatimentos para Revenda	1000	1000
O Chaves do Conde Barão	1000	1000
170, Rua da Boavista, 172		

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem em Portugal e que são fabricadas em Portugal.

As limas que se consomem

# A BATALHA

## PELA UNIDADE SINDICAL

Relatório da missão confederal junto da U. S. O.  
de Evora e dos sindicatos da mesma cidade

Comaradas:  
Há missões que são sobremaneira melindrosas e aquela de que fui incumbido é uma delas. E que não se trata de qualquer luta entre o patronato ou o Estado e a organização operária dum localidade por motivos económicos ou sociais—luta que vence o antagonismo de interesses e de ideias, e que não passaria de um dos tantos episódios que caracterizam a acção do proletariado na guerra social de classes, que só desaparecerá quando cessarem as suas causas.

Trata-se de lutas originadas pela venuza peçonha política—esse vírus iminentemente burguês e reaccionário que sempre dividiu e enfraqueceu a classe trabalhadora, especialmente quando se introduz no seio dos organismos sindicais. A minha intervenção nestas lutas, como delegado confederal, com o fim de contribuir para a sua cessação coloca-me, pois, numa posição melindrosa, visto que tendo que ser imparcial e desapaixonado, eu não posso, contudo, deixar de me inclinar para a parte que está revestida de maior razão, ou seja para aquela que procura defender a integridade moral da organização, a sua independência em face dos partidos políticos, o seu espírito iminentemente revolucionário e emancipador—caracterizado nas suas resoluções dos congressos nacionais de Coimbra e da Covilhã—e que se opõe às manobras de absorção dos organismos sindicais e do desvio da sua acção para o terreno resvaladiço dum oportunismo político de pura conveniência particular e exclusivista de qualquer partido de governo.

O relato dos factos passados em Evora, no seio dos seus organismos sindicais, dar-nos-há noção o mais possível aproximada do que se passa, e pelo mesmo podereis avaliar da verdade assim como do modo como me conduzi no desempenho desta missão.

### No Sindicato U. da Construção Civil

Logo que cheguei a Evora em 15 do corrente, foi-me entregue o convite do S. U. C. C. destinado a uma assembleia da classe da Construção Civil, onde se anuncia que auna assembleia transata do mesmo sindicato se haviam feito graves acusações aos altos militantes e dirigentes da organização sindical nacional, convite esse que ainda anuncia a presença de delegados da C. G. T., da F. da C. Civil e do C. E. dos partidários da I. S. V.

Estranhei logo que se anunciasse a comarcação de delegados da C. G. T. por esta não ter recebido tal convite, pois a resolução da minha vinda a Evora foi determinada por uma comunicação à Secção Confederal de Unões da F. C. C., estranhava tanto mais justificada quanto é certo não ter justificação plausível o convite e presença de um delegado dos partidários da I. S. V., agrupamento de tendências políticas, não sindical, e que, como tal de forma alguma pode intervir nos assuntos privativos dos organismos sindicais, e muito especialmente quando se deriam questões entre os sindicatos e os organismos federativos.

Quanto às graves acusações, aos altos militantes e dirigentes da organização sindical nacional, aguardei a assembleia, que se realizou na noite do mesmo dia, para conhecer o fundamento e em que consistiam essas acusações graves.

Nessa assembleia foi lida a acta da assembleia de 30 de Março, é nessa acta que constam essas acusações, concretas num discurso de José de Mira Neto, secretário geral do sindicato, qual foi previamente escrito e transcrito, embora bastante longo, na referida acta.

Esse discurso foi pensado, escrito e lido o mais tendenciosamente que é possível.

Ouviu-se e tem-se a impressão clara do que quem o engendrou não está ao serviço dum causa nobre e elevada, mas de quem está ao serviço dum causa de baixa e desmoralizadora desagregação da classe operária. Revela uma ignorância absoluta do que seja sindicalismo, cuja essência é combatida por forma atrabilíaria e desonesta censura e contenda delegacias de organismos de indústria em propaganda, com as quais nada tem que ver por serem estranhos à sua indústria e o que procura concretizar é o capítulo respeitante às reacções confederais e dos organismos que constituem a C. G. T., especialmente a sua federação.

Neste particular utiliza-se dum autêntica calúnia, que, como tantas outras, foi conscientemente urdida por órgãos do partido comunista com fins reservados.

O Comunista, com fins políticos, publicou uma ou mais vezes que quando o sindicato entrou para a C. G. T. tinha esta um efectivo de 120.000 membros e que quando na mesma deixou de exercer o cargo de secretário geral, ficaram na C. G. T. apenas 80.000. Foi uma calúnia conscientemente urdida, porquanto.

1.º A C. G. T. constituiu-se no congresso de Coimbra e a U. O. N. que no mesmo congresso se extinguira, já não teve qualquer estatística pela qual se verificasse o número de membros que a constituíram, sendo certo, outrossim, que o seu número foi sempre infinitamente mais reduzido;

2.º Ao congresso de Coimbra—quando ainda não existia a C. G. T.—aderiram cerca de oitenta mil e como alguns sindicatos não poderam comparecer nesse congresso, estando, no entanto, com o mesmo em espirito—atenta a esperança de que de futuro ingressassem na C. G. T.—que ia votar-se—arredondou-se a conta e para público foram dados como aderentes 100.000;

3.º Na realidade a média de aderentes foi sempre de 80.000, mas a média de quotidianos, extraída da soma de selos confederados fornecidos aos organismos trimestralmente foi sempre de 35.000, média que me parece subsistir ainda;

4.º A calúnia ressalta ainda visivel se se considerar que a mesma surgiu após o congresso da Covilhã, ao qual foram dados publicamente como aderentes—se não me atraio a memória—160.000, o que significa que não sendo rigorosamente certos estes números e os 100.000 do congresso de Coimbra, não serviram os mesmos de

### LA NOVELA IDEAL

Acabam de chegar o n.º 7 e 8 desta revista intitulados, respectivamente, «El Redentor» e «Enganada», de Isaac Pacheco e Federico Urales. —Preço: \$50. —Pedidos à administração de A Batalha.

ASSINEM Os mistérios do Povo

### HORARIO DE TRABALHO

Numa fábrica de tecidos da União Fabril trabalha-se 10 horas com um salário de 14\$00

Informados da existência dumha fábrica de tecidos na Rua do Rato, 11, pertencente à Companhia União Fabril, ali nos dirigimos aguardando a saída do pessoal.

Eram quase 17 horas, hora a que o pessoal daquela fábrica sai, esperando momentos, durante os quais fizemos um paralelo entre a vida de Alfredo da Silva, cunhado e genro, e a daqueles operários. Eis quando fomos surpreendidos pelo baladão dum sinal, em cujos ecos tristes se percebia a miséria dos que iam sair daquele suplício. Pois outro nome não se podia dar.

Nunca assistimos a quadro tão incomum. Quasi uma centena de operários, de cara misera e soberba de sofrimentos. Alguns esqueléticos, mulheres de avançada idade, menores, tendo um talvez apenas 10 anos, emfim uma demonstração da grande exploração humana.

Acerca-se de nós, um grupo, de operários que vendo-nos logo se dirigiram.

Relataram-nos inférmas infantas, praticadas por uma criatura a quem chamam o menino histórico. Contaram-nos a miséria dos seus salários que em 10 horas de trabalho não vai além de 14\$00, excepto os pioneiros das malandras, uma casta de 5 operários como classificaram que em tudo os atraçam.

Calculem que até tiveram o descarramento de fazerem um requerimento ao governador civil tendo sido chamados à esquadra do Rato alguns operários e operárias a fim de dizerem se queriam o horário de 8 ou 10 horas, havendo apenas um operário que disse preferir as 10 horas, operário este pertencente à tal casta dos 5, amigo íntimo do menino histórico.

A actividade da A. I. T. contra a reacção espírito iminentemente revolucionário e emançipador—caracterizado nas suas resoluções dos congressos nacionais de Coimbra e da Covilhã—e que se opõe às manobras de absorção dos organismos sindicais e do desvio da sua acção para o terreno resvaladiço dum oportunismo político de pura conveniência particular e exclusivista de qualquer partido de governo.

O relato dos factos passados em Evora, no seio dos seus organismos sindicais, dar-nos-há noção o mais possível aproximada do que se passa, e pelo mesmo podereis avaliar da verdade assim como do modo como me conduzi no desempenho desta missão.

### O II Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores

Relato circunstanciado das sessões celebradas em Amsterdão

#### Segundo dia de sessão

Relatório verbal do Secretariado. A. Sou-

chy faz uso da palavra e diz:

Como já existe uma exposição escrita do Secretariado, o orador concretiza-la h o mais possível. Refere-se à situação difícil em que se encontrou a A. I. T. depois do seu congresso constitutivo. Embora de momento poucas organizações tivessem aderido à A. I. T. (a Alemanha, Suécia, Noruega, por exemplo), a Internacional teve que entrar imediatamente em acção e tomar uma atitude perante alguns importantes acontecimentos, como por exemplo a invasão do distrito do Ruhr. Como sóisinha nada conseguisse teve que dirigir-se às chamadas Internacionais de Amsterdão e de Moscova com o fim de realizar uma acção comum. Esse desejo não obteve nenhum resultado, porque as citadas Internacionais não se mostraram inclinadas a uma acção comum do proletariado. O Secretariado dirigiu-se então aos operários de todos os países, especialmente aos da Alemanha e da França, incitando-os a uma greve geral. Mas a maioria dos trabalhadores seguiram as ordens dos chefes de Amsterdão e de Moscova e essa greve geral não se efectuou.

O orador deu conta da troca de correspondência havida entre o comité provisório para a luta contra o fascismo e o secretariado da A. I. T. Avisou que a pesar das disposições da A. I. T. para uma acção comum contra o fascismo, as Internacionais moscovitas e os seus partidários na Europa não quizeram semelhante colaboração.

A actividade da A. I. T. contra a reacção espírito iminentemente revolucionário e emançipador—caracterizado nas suas resoluções dos congressos nacionais de Coimbra e da Covilhã—e que se opõe às manobras de absorção dos organismos sindicais e do desvio da sua acção para o terreno resvaladiço dum oportunismo político de pura conveniência particular e exclusivista de qualquer partido de governo.

Assembleia de 15 de Junho, aprovada a adesão à A. I. T. (não é hoje o que foram antigamente, e que além disso, pela influência do ambiente colectivo norte-americano, se vêm cada vez mais afastados, tanto em teoria como em prática, das nossas organizações. Nós já falámos no «monocismo» operário de Gompers, e esse «monocismo» que poderia traduzir-se pela fórmula: «A América para os norte-americanos» manifesta-se nos I. W. W., cujos ataques públicos à A. I. T. não podem ser esquecidos facilmente.

Borghes, Itália, não tem nada que objectar à exposição, sómente desejaria informar, que no que se refere aos I. W. W. dos Estados Unidos, se pode fazer alguma causa por meio das secções italianas e russas. Esta, pessoalmente, estreitamente relacionada com a secção italiana dos I. W. W. e é ele próprio, com outros camaradas da A. I. T. acusados os membros italianos dos I. W. W. a que não realizassem a adesão à A. I. T., senão quando tida a organização se manifestasse disposta a eder também, pois de outra forma, romper-se-a a unidade dos I. W. W. O periódico italiano, que é representado, é a A. I. T. não podem ser esquecidos facilmente.

Díaz, Argentina, afirma que a secção italiana dos I. W. W. dá a palavra no seu órgão a Borghes, porque se trata de Borghes e não porque a A. I. T. lhe seja simpática. Nem sempre se devem considerar os principios, mas também é necessário ver se os que estão em harmonia com esses principios. A União Sindical Argentina tem nos seus estatutos uma declaração de princípios revolucionários, mas nos seus actos é reformista. A C. R. O. M. que sustenta diretamente o governo do presidente Calles e que não simula semelhante convivência, também quis entrar em relações com a A. I. T., mas apenas o fez para impedir que a C. G. T. lhe aderisse. No Chile existe uma organização I. W. W. que aderiu à A. I. T., entrando o desenvolvimento de todo o outro movimento operário, pois os I. W. W. do Chile estão longe de cumprir os compromissos que a adesão à A. I. T. implica.

A sessão interrompe-se por ser a hora da refeição. Na terceira sessão continuaram-se a discussão do mesmo assunto.

O orador também expôs a situação da Em Torres Novas luta-se pelo estabelecimento do horário normal

TORRES NOVAS, 26.—Têm-se esforçado os operários desta localidade por ver cumprido o horário de oito horas de trabalho.

Ontem, quando os operários da fábrica de Manuel da Costa Nery, aguardavam, na oficina, resoluções do patrón, apareceu este com um exaltado e disparatado discurso, pretendendo amedrontá-los.

Como assim não conseguisse os seus fins, chamou ao seu escritório um operário, a quem disse que concedia o horário de oito horas de trabalho, mas que reduziria o preço de duas horas no salário, e tendo esse trabalhador aceitado, mandou-o comunicar essa sua resolução aos seus companheiros.

O pessoal da fábrica não se conformou, indignado com tal decisão, e nomeou uma comissão para entrevistar o delegado do governo sobre o assunto, dizendo que ia dele tratar e mandar fixar editais ao mesmo referente.

Já não é a primeira vez que o sr. Manuel da Costa Nery se abalaça a zombar do seu pessoal, pois em tempos conseguiu fazer-lhe trabalhar 10 horas, pagando-lhe as duas suplementares ao preço das ordinárias, mas parece-nos que não será tão bem sucedido agora. —C.

Em Fafe, o S. U. C. Civil toma resoluções. A situação dos empregados no comércio

FAFE, 26.—O horário de oito horas de trabalho não é aqui cumprido, especialmente nas fábricas do «Bugio» e «Ferro», onde se trabalha do romper da aurora até noite cerrada, com uma hora apenas para tomar uma refeição.

O director da «Ferro» veio aqui ontem dar instruções para não serem ouvidas as reclamações dos operários.

O S. U. C. Civil tomou deliberações para a defesa dos operários fabris, que suportam o juro desse régulo, devendo amanhã as autoridades que foi necessário acordar do seu habitual, tomar qualquer atitude.

Na assembleia dos empregados no comércio, ontem efectuada, protestou-se contra a inércia das autoridades em face do desrespeito ao horário verificado em todos os establecimentos, resolvendo-se nessas reuniões pedir instruções à C. G. T. sobre o assunto.

Os empregados no comércio desta localidade têm absoluta necessidade de ver respeitada essa importante regalia, pois sendo na sua quasi totalidade alunos do curso nocturno da Escola Primária Superior, não poderão frequentá-la se tal se não der e não se lhes pode negar o direito de se instruir.

Na assembleia do S. U. C. Civil ouvi repetidas referências a uma sessão secreta onde se dizia ter saído a indicação dos nomes que deveriam constituir a comissão administrativa; que, efectivamente, na sessão do C. C. da U. S. O. de 27 de Fevereiro, essa lista foi apresentada, sendo rejeitada depois de longa discussão e depois aprovada outra; que esta segunda comissão, depois da discussão ainda prosseguiu sobre aquele assunto nas sessões de 16 e de 23 de Março, foi a mesma igualmente rejeitada—o que determinou o pedido de demissão de vários delegados, entre os quais os dos Sindicatos Metalúrgico e da Construção Civil e no seio deste último também o pedido de demissão da sua comissão administrativa.

Artigo 1.º—Aos operários e empregados da Companhia Portuguesa de Fósforos, admitidos posteriormente ao contrato de 1895, e que estavam ao seu serviço no termo do mesmo contrato, é concedido pelo Estado, desde a data em que se encontrem de novo a fábrica e venda de aconditais, pavios ou paletes fosfóricos, segundo a lei n.º 1.770, de Abril último;

Considerando que é absolutamente imperativo minorar a situação desse pessoal durante um certo período em que têm de procurar novas colocações em fábricas daquele país, especialmente em Portugal, e que é devido ao encerramento das fábricas da mesma Companhia, motivado pelo novo regime de fabrico e venda de aconditais, pavios ou paletes fosfóricos, segundo a lei n.º 1.770, de Abril último;

Considerando que é absolutamente imperativo minorar a situação desse pessoal durante um certo período em que têm de procurar novas colocações em fábricas daquele país, especialmente em Portugal, e que é devido ao encerramento das fábricas da mesma Companhia, motivado pelo novo regime de fabrico e venda de aconditais, pavios ou paletes fosfóricos, segundo a lei n.º 1.770, de Abril último;

Considerando que é devido ao encerramento das fábricas da mesma Companhia, motivado pelo novo regime de fabrico e venda de aconditais, pavios ou paletes fosfóricos, segundo a lei n.º 1.770, de Abril último;

Considerando que é devido ao encerramento das fábricas da mesma Companhia, motivado pelo novo regime de fabrico e venda de aconditais, pavios ou paletes fosfóricos, segundo a lei n.º 1.770, de Abril último;

Considerando que é devido ao encerramento das fábricas da mesma Companhia, motivado pelo novo regime de fabrico e venda de aconditais, pavios ou paletes fosfóricos, segundo a lei n.º 1.770, de Abril último;

Considerando que é devido ao encerramento das fábricas da mesma Companhia, motivado pelo novo regime de fabrico e venda de aconditais, pavios ou paletes fosfóricos, segundo a lei n.º 1.770, de Abril último;

Considerando que é devido ao encerramento das fábricas da mesma Companhia, motivado pelo novo regime de fabrico e venda de aconditais, pavios ou paletes fosfóricos, segundo a lei n.º 1.770, de Abril último;

Considerando que é devido ao encerramento das fábricas da mesma Companhia, motivado pelo novo regime de fabrico e venda de aconditais, pavios ou paletes fosfóricos, segundo a lei n.º 1.770, de Abril último;

Considerando que é devido ao encerramento das fábricas da mesma Companhia, motivado pelo novo regime de fabrico e venda de aconditais, pavios ou paletes fosfóricos, segundo a lei n.º 1.770, de Abril último;

Considerando que é devido ao encerramento das fábricas da mesma Companhia, motivado pelo novo regime de fabrico e venda de aconditais, pavios ou paletes fosfóricos, segundo a lei n.º 1.770, de Abril último;

Considerando que é devido ao encerramento das fábricas da mesma Companhia, motivado pelo novo regime de fabrico e venda de aconditais, pavios ou paletes fosfóricos, segundo a lei n.º 1.770, de Abril último;

Considerando que é devido ao encerramento das fábricas da mesma Companhia, motivado pelo novo regime de fabrico e venda de aconditais, pavios ou paletes fosfóricos, segundo a lei n.º 1.770, de Abril último;

Considerando que é devido ao encerramento das fábr